



Os leigos são chamados a participar na missão da Igreja pelo facto da sua inserção no Povo de Deus. A sua "natureza" de cristãos, adquirida no baptismo, consolidada na confirmação e constantemente renovada na Eucaristia, situa-os imediatamente como parte integrante da missão da Igreja O apostolado não é um suplemento da vida cristã, mas decorre da sua própria essência. Porque são "enxertados em Cristo" pelos sacramentos de iniciação e por uma existência de fé, esperança e caridade, é o próprio Espírito de Cristo que neles determina "o querer e o agir". É Cristo, em última análise, que "envia" todos os cristãos.

Reencontramos nestas afirmações uma das grandes linhas mestras da eclesiologia conciliar: a consagração é dada em ordem a uma missão, a missão supõe sempre uma consagração pessoal. (cf. cap.III de "Lumen Gentium" sobre a relação entre consagração episcopal e missão; decreto "Presbyterorum Ordinis" nº 2 e 7, sobre a relação entre ordenação e ministério sacerdotal). Esta consagração pessoal não é apenas fruto dos sacramentos, mas está de certo modo inscrita nos dons ou carismas que cada cristão recebe do Espírito. Pelo carácter único dos carismas individuais, cada cristão pode exercer um serviço insubstituível, que constitui o seu ministério próprio em ordem ao crescimento orgânico do Corpo de Cristo. Reconhece-se, assim, a vitalidade do cristão como fruto do Espírito que nele habita. Nesse reconhecimento está implícita a afirmação de que a participação dos leigos na missão resulta não de um mandato jurídico, mas de própria condição da existência cristã, que é uma condição segundo o Espírito.

O reconhecimento de carismas próprios de cada cristão e de carismas afins entre vários cristãos conduz à necessidade de formas diversas de exercício da missão. Assim o pluralismo, que constitui uma base fundamental da liberdade individual e colectiva na sociedade moderna, encontra o seu pa-



ralelelo na vida da Igreja. Diversas formas são necessárias, diversos meios devem ser utilizados para que os cristãos possam realmente comungar com a multiforme procura dos homens de hoje. Importante é sublinhar que este pluralismo não pode ser identificado com pulverização de energias e de esforços. É em resposta a um dom do Espírito e na fidelidade ao Evangelho na sua mensagem essencial que a validade de cada forma pode ser aferida.

A missão dos leigos define-se também pelo seu objectivo. Significaria, como se pretendeu muitas vezes, que aos leigos cabe o temporal e ao clero o espiritual? Toda a teologia contemporânea protesta contra esta repartição de tarefas. Afirma-se, pelo contrário, que a todo o Povo de Deus cabe uma dupla tarefa: a de evangelização; a de promoção do humano pelo reconhecimento da sua autonomia e pelo que nele penetra de espírito evangélico. A missão da Igreja é, por um lado, contribuir para que o mundo tenha cada vez mais qualidade humana; fazendo do mundo matéria para o Reino; é, por outro lado, que os homens se convertam, que a humanidade se torne o Povo de Deus. Evangelização e obra temporal não são, no entanto, completamente distintas - a evangelização, ao mesmo tempo que essencialmente espiritual, comporta um elemento "intra-mundano"; a obra temporal, ainda que essencialmente "intra-mundana", comporta um elemento espiritual. Assim dentro da Igreja o cuidado por um e outro sector da sua missão vê-se enriquecido de "espiritual" e de "mundo". Não é segundo categorias - clero ou leigo - que se distribuem as incidências mais fortes de um ou outro elemento. É segundo os carismas pessoais que cada cristão se comprometerá de preferência na trama do temporal ou na obra de evangelização. Em qualquer dos casos, não pode subtrair-se à densidade do mundo nem à exigência do Evangelho.